

## **ASSOCIAÇÃO FEMININA: AS MEMÓRIAS E AS HISTÓRIAS COMUNISTA EM FERNANDÓPOLIS (1949)**

LAÍS REGINA CASQUEL\*

**RESUMO:** As memórias do “levante comunista” de Fernandópolis em 1949, das mulheres que participaram da Associação Feminina que fazia parte da retaguarda do PCB municipal, já posto na ilegalidade. E as histórias do imaginário comunista que amplificava a ideia de subversivos, marginais e desordeiros que afetaram o cotidiano das mulheres em Fernandópolis.

**PALAVRAS CHAVES:** MULHERES, COMUNISMO, MEMÓRIAS, HISTÓRIAS, FERNANDÓPOLIS

A reconstrução da memória a cerca do levante comunista de 1949, já por si torna-se uma tarefa árdua, uma vez que essa memória do comunismo implica em questões de ordem política em relações de poder, e, portanto, questões que permeiam um passado de perseguições e prisões que custam as lembranças, muitas vezes teimam em ser esquecidas por conta do sofrimento e do medo provocado pelo movimento<sup>1</sup> e que afetaram o cotidiano e a vida das mulheres de Fernandópolis.

No que tange, as histórias femininas trata-se dar vozes às mulheres que durante as décadas de 40-50 tiveram uma trajetória política e social relevante e significativa para a compreensão dos processos históricos da cidade, e que entretanto, não foram registradas na “história oficial”, ou seja, da mesma forma que contribuem para ilustrar o imaginário histórico construído sobre os comunistas pelas raízes ideológicas varguistas, narrar a historiografia local a partir de suas mulheres significa preencher a lacuna

---

\* Graduada em História pela fundação Educacional de Fernadópolis, e cursando especialização em História do Brasil e Preservação do Patrimônio Cultural pela Faculdade Aldeia de Carapicuíba, pólo FAEC/Fernandópolis. Endereço Eletrônico: laiscasquel@hotmail.com

<sup>1</sup> MOREIRA, V. J. **Memórias e Histórias de Trabalhadores em Luta pela Terra: Fernandópolis-Sp, 1946-1964**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, 2009. p.12

deixada em branco, neste contexto, em que ser mulher e paralelamente ter vínculo com o comunismo, as silenciava perante a história local .

A investigação da pesquisa fundamenta-se pela etnografia histórica, ou seja, a elaboração de um trabalho de explicação descritiva da vida social e da cultura em um dado sistema social do passado, segundo uma observação detalhada do conjunto das fontes levantadas e o emprego de um esforço interpretativo, que tem como objetivo compreender visões de mundo atreladas a determinados grupos ou sociedades passadas.

<sup>2</sup> Pertence assim a etnografia histórica ao campo da História Cultural, isto é, a uma historiografia que se preocupa com as questões envolvendo as características da tradição, da transmissão oral, da construção de identidades, da elaboração de valores e da vivência do cotidiano e da vida privada e dos diferentes meios de registro e fixação da memória nas sociedades humanas.

Ler a realidade da cidade, a partir de suas mulheres e revelá-la por fontes documentais como fotos, relatos orais e jornais, a fim de observar como se deu à inserção específica das mulheres no seio do movimento, sem deixar de lado o discurso mais amplo do Partido Comunista. Tentamos desvendar o nebuloso complexo de uma agremiação partidária inserida na sociedade brasileira da época, observando os sujeitos que estiveram às margens da historiografia oficial, neste caso seus maridos.

A Memória do levante comunista de 1949 remonta à situação social e política em que estava inserida a população da região de Fernandópolis, as divergências e as disputas pela terra que os assombrava desde a fundação 1939, a cidade até então, havia passado por outras sublevações, como o movimento de maio de 1948, em que trabalhadores protestavam diante dos altos preços cobrados dos arrendamentos de terra, e do confisco de bens e benefícios produzidos nos arrendamentos pelos latifundiários.<sup>3</sup> Esse primeiro movimento assustou as classes dominantes e dirigentes: **“As autoridades, diante dos 940 camponeses, fugiram e deixaram a cidade nas mãos da massa revoltada”** <sup>4</sup>. Podemos perceber que as questões relacionadas à terra, já eram alvo de motins até relativamente maiores que o de junho de 1949, mas a repercussão do levante foi maior por

---

<sup>2</sup> AUGÉ, M. **O espaço histórico da Antropologia e o tempo antropológico da História**. Por uma antropologia dos mundos contemporâneos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p.09-32.

<sup>3</sup> MOREIRA, V. J. **Memórias e Histórias de Trabalhadores em Luta pela Terra: Fernandópolis-Sp, 1946-1964**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, 2009. p.99.

<sup>4</sup> VOZ OPERÁRIA, Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1949, p. 2. O periódico é, reconhecidamente, um órgão de imprensa pecebista.

pretender partir de Fernandópolis para todo o Brasil, o fato de ter fracassado e os responsáveis responderem a processo, acentuou a representação da figura de homens que subverteram a ordem, marginais que queriam roubar as terras dos latifundiários, assim como reafirma o Correio Paulista, um mês após a fracassada tentativa “revolução agrária”:

*“Rio, 19 (“Correio”) – Divulgam-se, pouco a pouco, os detalhes do tenebroso plano comunista, destinado a subverter a lei e a ordem em todo o território nacional. Segundo dados obtidos pela nossa reportagem, o movimento revolucionário iniciar-se-ia nos Estados de maior importância econômica e industrial do país, ou seja, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia e a região Nordeste, convergendo (sic) então para a Capital Federal. Iniciaram-se, de acordo com o plano, os “Comícios Pró-Paz” em várias cidades das regiões citadas, transformando-se, depois, em agitações, e, finalmente, em franca rebelião contra as autoridades constituídas. [...]”<sup>5</sup>*

O episódio manteve-se na lembrança local exatamente como descrita na reportagem do Correio Paulistano, **“o tenebroso plano comunista”**, pois foi assim que quem simpatizava com o partido foi tratado pela sociedade fernandopolense, e por quem sofreu com repressão era a continuação temporal do período de perseguição, iniciado ainda, nos últimos anos do governo de Vargas, reviver a História e os fatos que se sucederam na cidade,

*“O PC do Brasil foi posto fora da lei e em janeiro de 1948 os mandatos de seus representantes no poder Legislativo foram cassados. Seus dirigentes foram forçados a atuar na clandestinidade, o que assinalava o início de um novo período de repressão”.*<sup>6</sup>

A repressão deixou cicatrizes que fizeram-se dolorosas demais para ser lembradas pelas entrevistadas, voltar ao passado de perseguição, fuga e o desespero da falta de notícias dos entes envolvidos presos por causa da insurreição, ou simplesmente por ter relações com o partido, o esquecimento foi resultado do medo para algumas e para outros a fuga de um passado que estão às margens da história local:

---

<sup>5</sup> CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 28.642, Sábado, 20 de Agosto de 1949, p. 1.

<sup>6</sup> KONDER, L. **As idéias socialistas no Brasil**. São Paulo: Moderna 1995 p 43.

*“Em Fernandópolis, as memórias sobre o movimento de 1949 estavam e estão em disputa, e expressam aspectos da luta de classe. Esse processo histórico é permeado por múltiplas ambigüidades, tensões e contradições. São versões divididas e compartilhadas, apontando para tendências e projetos diversos para a cidade e para o campo. Parafraseando E. P. Thompson, esse movimento de trabalhadores é mais uma das “causas perdidas”, dos “becos sem saída” dos trabalhadores, cujas memórias e histórias têm sido silenciadas e esquecidas, e “apenas os vitoriosos (no sentido daqueles cujas aspirações anteciparam a evolução posterior) são lembrados (THOMPSON,1997:v.1). A diversidade dos modos de vida e de luta de trabalhadores do campo e da cidade não tem se consubstanciado em memórias e histórias “dignas” de serem narradas; foram e são, portanto, silenciadas pela memória hegemônica.”<sup>7</sup>*

A construção da memória do levante comunista está engendrada a partir do processo crime, a insurreição popular foi relatada nos relatórios do processo,

*Antônio Alves dos Santos, vulgo “Antônio Joaquim”, vereador à Câmara Municipal de Fernandópolis, velho comunista e chefe dos elementos “vermelhos” de toda esta região do Estado, em 18 de Junho último reuniu em sua casa, no Córrego do Feijão, comunistas e simpatizantes dos vários povoados das redondezas, sob a alegação de que tinha uma “palavra de ordem do Partido” para lhes transmitir. Efetivamente, falando aos seus companheiros, ali reunidos em número não superior a vinte, entre os quais se encontravam JOÃO THOMAZ DE AQUINO, também vereador e o líder intelectual do “Partido”, advogado FERNANDO JACOB, além de um tal “HENRIQUE” enviado especial do comitê estadual do PCB Antônio Joaquim lhes disse que “a revolução agrária” seria deflagrada de um momento para outro em todo o território nacional, afirmando-lhes que se tratava de uma “ordem” e, por isso, só lhes cabia obedecer; explicou mais que deveriam, sem perda de tempo, se*

---

<sup>7</sup> MOREIRA, V. J. **Memórias e Histórias de Trabalhadores em Luta pela Terra: Fernandópolis-Sp, 1946-1964.** Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, 2009. p.34-35.

*prevenirem porque daí há dias teriam em suas casas todas as instruções a respeito, para a execução dos planos. (PROCESSO CRIME, n. 170, de 23 de agosto de 1949, pp. 265-266).*

A data de 23 e 24 de junho de 1949, foi escolhida para dar início a “Revolução Agrária” e “Comunista no Brasil”, era noite de São João e a tradição de comemorar as festas juninas, sempre com muitos fogos de artifício, era a data propícia, pois ocultaria os possíveis tiros disparados e confundiria a repressão policial. Um grupo de trabalhadores, agricultores em sua maioria, sob a liderança de Antônio Joaquim, o então vereador do PC do B, projetaram na região a revolução que iria tirar da miséria todos os trabalhadores, abolir a injusta condição social dos trabalhadores, por fim ao absolutismo dos patrões, a escravização, a ganância e a exploração dos intermediários; declarava a inutilidade de se trabalhar para os outros e a distribuição gratuita da terra; e encerrar de vez as ações imperialistas no país.<sup>8</sup> Tudo foi detalhadamente planejado e os trabalhadores em Fernandópolis estariam cumprindo uma “palavra de ordem do Partido” que seria transmitida por Waldemar Alves dos Santos, filho do líder do movimento, e seria “A partilha de feijão está pronta” já que a revolução seria deflagrada em todo país e a célula do Partido Comunista do Brasil (PCB) da cidade não poderia deixar de fazer sua parte para o processo revolucionário.<sup>9</sup>

Na noite aprazada de São João no largo da Igreja de Populina, um pouco antes da meia noite, armados com carabinas e revólveres, uns vinte homens dominaram o Inspetor de Quarteirão José Alves Tosta e o guarda-noturno Leobino Batista Lopes e exigiram a entrega de suas armas. Com o objetivo de armar-se ainda mais o grupo se dirigiu para residências de várias pessoas e exigiram a entrega das armas que possuíam. Em seguida procuraram o motorista e o proprietário da jardineira que fazia o trajeto Fernandópolis-Populina, já que ambos pernoitavam no hotel em Populina para no dia seguinte direcionar-se a Fernandópolis. De acordo com muitos depoimentos dos implicados no

---

<sup>8</sup> PROCESSO CRIME, Nº. 140 de 1949, da Comarca de Votuporanga/SP, p. 264. Esse processo na Justiça originou-se do indiciamento policial de diversos trabalhadores em razão do movimento de 23 para 24 de junho de 1949. As condições de vida dos trabalhadores, especialmente dos trabalhadores rurais, e as pressões para o movimento são relatadas em vários depoimentos colhidos pelo Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS) sobre o caso.

<sup>9</sup> PROCESSO CRIME, Nº. 140 de 1949, da Comarca de Votuporanga/SP.

caso todo esse evento foi marcado por “vivas” a Rússia Soviética, a Revolução Agrária e a Revolução Comunista. De posse da jardineira e de domínio de Anselmo Ventucci, motorista, e Cristiano Mantovani, proprietário, seguiram para Fernandópolis e no caminho foram encontrando mais comunistas, inclusive Antônio Joaquim. Também pelo caminho a Fernandópolis foram apropriando-se de mais armas, nem sempre de forma pacífica, como o caso de José Honório da Silva que reagiu e teve sua casa baleada. Ao chegar a Fernandópolis, às três horas e quinze minutos da manhã do dia 24 de junho, o grupo deveria encontrar os demais “camaradas” para tomar as repartições públicas (Prefeitura Municipal, Delegacia de Polícia, etc.) e controlar a cidade. Porém, foram dissuadidos por José Antônio Figueiredo, conhecido na cidade por Zé Cearense e comunista, informando que os demais comunistas que deveriam vir ao seu encontro não haviam chegado e que a polícia já tinha conhecimento do movimento. Zé Cearense preveniu que o movimento havia fracassado. O fato é que o grupo liderado por Chico Preto, da célula da Fazenda São Pedro (Fazenda dos Ingleses), estava próximo a Igreja da cidade esperando pelos demais até por volta da 7 horas da manhã.<sup>10</sup>

Após o fracasso do movimento, grande parte dos comunistas fugiu, outros ficaram e sofreram na pele a repressão policial:

*“O PC do Brasil foi posto fora da lei e em janeiro de 1948 os mandatos de seus representantes no poder Legislativo foram cassados. Seus dirigentes foram forçados a atuar na clandestinidade, o que assinalava o início de um novo período de repressão”.*<sup>11</sup>

A suposta “reforma agrária” partiria da região de Fernandópolis para o resto do país, o termo de “Reforma” para aproximar as lutas pelas terras dos princípios do partido Comunista e assim processá-los com facilidade,

*“Os comunistas estão, hoje promovendo no Estado de São Paulo, a principal fonte econômica do país, uma jornada de subversão tão grave e de tal amplitude como até agora não houve igual depois que o*

---

<sup>10</sup> MOREIRA, V. J. **Memórias e Histórias de Trabalhadores em Luta pela Terra: Fernandópolis-Sp, 1946-1964**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, 2009. p.

<sup>11</sup> KONDER, L. **As idéias socialistas no Brasil**. São Paulo: Moderna 1995 p.48

*PCB foi posto fora da lei. Em Santo Anastácio tentaram a insurreição dos lavradores... Quiseram organizar uma liga camponesa”.*<sup>12</sup>

A Liga Camponesa agremiava os trabalhadores rurais facilitando a comunicação com o partido. A Liga Camponesa tinha a função de orientar e passar as palavras de ordem do partido, uma vez que o PCB estava na ilegalidade, nas reuniões “*as mulheres iam de um lado e os homens do outro, depois nos reuníamos e eles perguntavam se estávamos de acordo com as decisões.*”<sup>13</sup> alega Dona Anita, afirmando a presença das senhoras que compunham uma Associação Feminina que estava na retaguarda do partido, elas também discursavam as cartilhas e colocavam suas opiniões, em depoimento D. Avelina Rodrigues Pereira, nos fez constatar sua atuação nas reuniões:

*“Tinha essa associação Feminina, né...e eu fiz parte, inclusive eu fiz muito discurso lá, as vezes eu tava sentada lá no fundo quietinha lá assim, de repente anunciava meu nome lá, ‘vai falar Dona Avelina’...E eu ia, e falava que você precisava ver. Eu até gostava de falar, era um negócio, viu?”*<sup>14</sup>

Quinze senhoras aproximadamente acompanhavam as reuniões, dentre as mais atuantes estavam Idalina Maldonado, tida como líder da associação. Avelina Pereira, esposa de Gerosino Pereira, que anos mais tarde candidatou-se a vereadora; Ana Zandrão, conhecida como Anita Cearense e esposa de Zé Cearense; Luiza, esposa do líder Antonio Joaquim. Posto que essas mulheres eram atuantes, quando perguntado o que acontecia nas reuniões eram conscientes, compreendiam de forma muito particular o comunismo, mulheres que não freqüentaram um ‘Banco de escola’, como nos dizia D. Anita, mas que sabiam a importância política do comunismo,

*“Mas era uma coisa assim, uma igualdade não era pra um ter mais que o outro ser todos iguais, se por exemplo eu tivesse, vamo supor*

---

<sup>12</sup> DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, na edição de 16 de agosto de 1949. Reportagem de Arlindo Silva.

<sup>13</sup> Entrevista concedida 10/10/2009. Cf. CASQUEL, L. **Trajetórias femininas:** reflexos do comunismo em Fernandópolis/SP. Relatório Final de Iniciação Científica apresentado ao PIP (Programa de Iniciação a Pesquisa) FEF/Fundação Educacional de Fernandópolis, Fernandópolis, 2009.

<sup>14</sup> Entrevista concedida 24/06/1996 à Áurea Maria de Azevedo Sugahara e Rosa Maria de Souza Costa, para elaboração do livro Fernandópolis: Nossa história, Nossa Gente.

*assim, dez mil “ce” também tinha que ter dez mil, o mesmo valor que os capitalista tinha os pobre tinha que ter.”<sup>15</sup>*

A associação feminina atuava mais como um molde de filantropia, como que auxiliar a quem precisasse alimentos e remédios. Até que a revolução se concretizasse. Assim como os demais movimentos femininos de 40-60 que lutam pela anistia dos presos políticos ou com trabalhos comunitários, nas comunidades de base e das Pastorais.<sup>16</sup>

No caso de Dona Idalina, por seu marido ser espanhol não se envolveu efetivamente no levante, até porque temiam a deportação, como foi o caso de Olga Benário, eles tiveram a casa vigiada por algumas noites devido a sua relação com o partido, ainda que, não sofresse nenhum tipo de repressão ou a casa fosse invadida como ocorreu com outros envolvidos na insurreição, ela relata seu medo: *‘Eu to falando demais qualquer dia eles vem me buscar’*. Medo alicerçado pela memória da perseguição, muito conhecida por D. Avelina e D. Anita, que vivenciaram a prisão de seus maridos.

*‘Nós éramos comunistas porque meu marido era e eu tinha que acompanhar ele’* A partir desta afirmação de Dona Idalina Maldonado, identificada como a líder da Associação, um pouco do discurso patriarcal do matrimônio próprio da década de 50, onde *“a sociedade conjugal pressupunha uma hierarquia, respaldada pela legislação, em que o marido era o chefe”<sup>17</sup>* na seqüência da narrativa, ela assume a altivez própria de liderança, respaldando as palavras de ordem do partido contra o controle sobre a compra do açúcar, do querosene e do óleo, que indicavam o ponto de vista do coletivo na narrativa do indivíduo,<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida 10/10/2009. Cf. CASQUEL, L. **Trajetórias femininas**: reflexos do comunismo em Fernandópolis/SP. Relatório Final de Iniciação Científica apresentado ao PIP (Programa de Iniciação a Pesquisa) FEF/Fundação Educacional de Fernandópolis, Fernandópolis, 2009.

<sup>16</sup> MORAES, M.LQ. Cidadania no Feminino. In: Jaime e PINSKY, Carla B. (Orgs.) **História da Cidadania**. São Paulo: Ed. Contexto, 2003.p.509-510.

<sup>17</sup> PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos Dourados. In. PRIORE, M.D.(Org), PINSKY, C.B.(Coord.) **História das mulheres no Brasil**, São Paulo: Contexto, 2006. p.626.

<sup>18</sup> PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral. **Projeto**

**História**, São Paulo, Educ, n. 15, p. 13-49, abr. 1997, p. 30; 33.

*“Mas olha a gente era tido como comunistas... A gente fazia parte deles, foi no tempo da guerra , em que a gente falava, ate tinha uma musica: Leite carne e pão, Açúcar sem cartão, O povo organizado combate a reação!*

*Eu não escondo muito que nos éramos comunistas não...nós éramos porque meu marido tinha os amigos dele e alguns eram...”<sup>19</sup>*

Avelina Rodrigues Pereira dividiu-se entre a casa e a associação política, sendo que em ambas as esferas seus papéis eram semelhantes. Pois na falta do marido, Jerosino Pereira que estava preso, no entanto torna-se claro que à mulher desliga-se da esfera doméstica, para administrar o negócio da família:

*“Eu também sofri demais, porque com as prisão dele, eu ficava preocupada, porque tínhamos uma relojoaria, nossa, mas foi um sacrifício, porque eu tive que tomar conta de tudo sozinha.”<sup>20</sup>*

As mulheres tiveram que assumir as atividades fora do lar, posto que, o partido as abandonou, não deu nenhum suporte para suprir essa falta do chefe familiar, essa foi à única alternativa. Os partidários viraram-lhes as costas por temer as torturas do DOPS ou serem indiciados como subversivos alguns queriam evitar os nomes ligados ao processo crime.

Ana Zandrão Figueiredo, a Anita Cearense, teve de mostrar-se ainda mais forte, sozinha com seus quatro filhos pequenos, sem o marido, o provedor do sustento da família, mas a falta de noticias era a chave de sua história. Sem noticias ela bateu de porta em porta para saber como ele estava e onde estava? O Pe. Jansen (religioso de Cidade) sobre o fato em entrevista para o livro, fez a seguinte colocação que descreve a situação de Dona Anita, *“ela não podia entrar nas casas(...) estava com qualidade de lepra, todo mundo desprezava a senhora ...era o sinal do comunismo e de todos os seus males.”* Dona Anita ilustraria perfeitamente as palavras do poema “Os comunistas”, de Plabo Neruda:

---

<sup>19</sup> Entrevista concedida 26/06/1996 Cf. COSTA, R. M. S. (et al) **Fernandópolis...** e mais tarde concedida 4/09/2009 Cf. CASQUEL, L. **Trajetórias femininas:** reflexos do comunismo em Fernandópolis/SP. Relatório Final de Iniciação Científica apresentado ao PIP (Programa de Iniciação a Pesquisa) FEF/Fundação Educacional de Fernandópolis, Fernandópolis, 2009.

<sup>20</sup> Entrevista concedida 24/06/1996, Cf. COSTA, R. M. S. (et al) **Fernandópolis...** op.cit.

*“Mas cuidado: Não deixem entrar os comunistas  
Fechem bem a porta  
Não se enganem  
Eles não têm direito a nada[...].”<sup>21</sup>*

A relação das histórias e memórias a serem esquecidas, alguns homens que participaram das reuniões, negavam qualquer ligação com o partido. Em busca de notícias pressionar autoridades, Dona Anita procurou o juiz da comarca de Votuporanga, e nas palavras dela, enfrenta-os se preciso for, em defesa de seus direitos.:

*“... falo até com o presidente se preciso para saber notícias de meu marido. (...) Meu marido ficou preso cinco meses, desaparecido e sem notícias; nesse tempo estive na gota d’água no DOPS (...) Procurei alguns amigos mas eles estavam com medo de ser preso. Fui procurar o Dr. Jacob e ele me encaminhou ao Dr. Viscardi em Votuporanga, e ele sugeriu que eu fosse ao juiz da comarca, requisitar a presença do meu marido(...)Então o juiz me disse: - ‘Eu não sei dessa prisão’(...) Dr. Em primeiro lugar Jesus, em segundo o senhor, se o senhor disser que o quer em Votuporanga em 24h, ele estará aqui. Ele estava em Votuporanga.”<sup>22</sup>*

A Associação feminina de Fernandópolis tem mais do que memórias e histórias do Comunismo em seu cotidiano, elas são sujeitos protagonistas da história e memória pecebista, e assim como os seus companheiros. Os movimentos sociais e, em particular, do movimento de 1949 não constituem referência para a memória oficial da cidade e não é lembrado nas falas oficiais. Os trabalhadores que participaram desse movimento não têm lugar na memória da cidade,<sup>23</sup> não encontramos seus nomes em ruas, avenidas, praças ou algum monumento que citasse esse fato tão marcante para história, como é

---

<sup>21</sup> NERUDA, P. *Os comunistas*. In: NERUDA, P. **Confieso que he vivido**. Memórias. Barcelona, Seix Barral, 1974.

<sup>22</sup> COSTA, R. M. S. **Fernandópolis...** op. Cit. p.295.

<sup>23</sup> MOREIRA, V. J. **Memórias e Histórias de Trabalhadores em Luta pela Terra: Fernandópolis-Sp, 1946-1964**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, 2009. p.13.

comum fazer para forjar a memória. “A construção de memórias hegemônicas está, assim, relacionada à tradição de selecionar o que lembrar como lembrar e de quem lembrar” (KHOURY, 2004) selecionando os “pioneiros” e “heróis” da cidade.

Portanto, através destas linhas e do curta metragem, produzido através dos resultados da pesquisa, concretiza-se esse fim, dar a importância da figura feminina na História de Fernandópolis, não apenas como coadjuvantes, mas como protagonistas e através de suas narrativas escreverem as muitas histórias e memórias sobre o levante de 1949. Ou seja, reformular outras memórias e histórias da cidade a partir de narrativas até então silenciadas pelo tempo, poder e espaço.

### FONTES

**CORREIO PAULISTANO**, São Paulo, n. 28.642, Sábado, 20 de Agosto de 1949, p. 1.

**DIÁRIO DE SÃO PAULO**, São Paulo, na edição de 16 de agosto de 1949. Reportagem de Arlindo Silva.

**PROCESSO CRIME, Nº. 140 de 1949, da Comarca de Votuporanga/SP**, p. 264. Esse processo na Justiça originou-se do indiciamento policial de diversos trabalhadores em razão do movimento de 23 para 24 de junho de 1949. As condições de vida dos trabalhadores, especialmente dos trabalhadores rurais, e as pressões para o movimento são relatadas em vários depoimentos colhidos pelo Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS) sobre o caso

**VOZ OPERÁRIA**, Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1949, p. 2. O periódico é, reconhecidamente, um órgão de imprensa pecebista.

### REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

AUGÉ, M. **O espaço histórico da Antropologia e o tempo antropológico da História**. Por uma antropologia dos mundos contemporâneos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CASQUEL, L. **Trajetórias femininas: reflexos do comunismo em Fernandópolis/SP**. Relatório Final de Iniciação Científica apresentado ao PIP (Programa de Iniciação a Pesquisa) FEF/Fundação Educacional de Fernandópolis, Fernandópolis, 2009.

COSTA, R. M. S. (et al) **Fernandópolis: nossa história, nossa gente**. Fernandópolis: Bom Jesus, 1996.

KONDER, L. **As idéias socialistas no Brasil**. São Paulo: Moderna 1995

MORAES, M.LQ. Cidadania no Feminino. In: Jaime e PINSKY, Carla B. (Orgs.) **História da Cidadania**. São Paulo: Ed. Contexto, 2003

MOREIRA, V. J. **Memórias e Histórias de Trabalhadores em Luta pela Terra: Fernandópolis-Sp, 1946-1964**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, 2009

NERUDA, P. *Os comunistas*. In: NERUDA, P. **Confieso que he vivido**. Memórias. Barcelona, Seix Barral, 1974.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos Dourados. In. PRIORE, M.D.(Org), PINSKY, C.B.(Coord.) **História das mulheres no Brasil**, São Paulo: Contexto, 2006

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, Educ, n. 15, p. 13-49, abr. 1997